



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

A Nudez do Sexo na Vergonha

www.voxinstituto.com.br/

A Nudez do Sexo na Vergonha

Mauro Mendes Dias

Vou destacar três elementos, a partir dos quais procurarei mostrar sua determinação para a abordagem da vergonha, ao mesmo tempo em que permitirão articular as questões da clínica da posição feminina.

Como primeiro ponto, faço notar que, em Freud, há um lugar para a vergonha que se encontra apresentado através do conceito de formação reativa. A vergonha, ao lado da repugnância e da moralidade, “erguem-se como diques para opor-se às atividades posteriores das pulsões sexuais”. Vale notar, como lembra Freud, que as assim chamadas “formações reativas”, “surgem às expensas das excitações provenientes das zonas erógenas”, e que se criam na mente, durante o período de latência sexual.

Como segundo elemento dessa articulação, há a necessidade de considerar que, se a vergonha se apresenta como uma formação reativa, é somente porque essa formação se sustenta através de uma “anticatexia que é assimilada no ego”. Essa anticatexia se define “como intensificação de determinadas disposições do ego, como alteração permanente deste”.

Enquanto terceiro elemento, que se reúne aos outros dois para situar a vergonha, vale lembrar que se essa alteração permanente, que uma anticatexia pode produzir no ego, introduz as formações reativas, no caso, a vergonha, na dinâmica da composição do caráter. Cito Freud:

E podemos acrescentar como contribuições à construção do caráter, que nunca estão ausentes, as formações reativas que o ego adquire - no início, executando suas repressões e, depois, por um método mais normal, quando rejeita impulsos instintuais indesejáveis.

Ao reunir os três elementos, que permitem realizar uma apresentação da vergonha, podemos concluir que:

- Enquanto formação reativa, a vergonha é capaz de definir um tipo de caráter, já que ela participa do ego, como uma alteração permanente deste, de forma a manter rejeitado

o impulso instintual indesejado. A vergonha conquistada, pelo título de um método mais normal, o caráter.

Vou passar a considerar a partir de agora que, da mesma forma que Freud falou de um caráter anal, próprio à neurose obsessiva, é possível afirmar que, na histeria, o caráter se apresenta sob o signo da vergonha. Antes de avançar esse ponto, gostaria de indicar que a abordagem da vergonha como ligada à formação reativa e, portanto, ao ego e ao caráter, introduz a problemática do gasto de energia para construir esse método normal de rejeição do indesejável.

Há, portanto, um gasto de energia para sustentar essa anticatexia a mais longo prazo. O que significa que esse gasto de energia encontra sua satisfação, sua realimentação, ao fazer com que a pulsão que é combatida, modele por inteiro o traço do caráter. Se faço questão de destacar esse ponto, é com o intuito de chamar a atenção para o fato de que o traço que define o caráter não tem nenhuma sustentação pacífica, ou seja, não é sem dispêndio, não é sem custos para o sujeito.

No momento em que Freud se detém em apresentar o “caráter e erotismo anal”, é indicativo, desde o título de seu texto, que o caráter é formado pelo erotismo anal, ou ainda, que é a partir do erotismo anal que se podem situar os traços de caráter, nesse caso, a marca de “ordeiros, parcimoniosos e obstinados”.

Ao considerar que a vergonha se cria na mente durante a fase de latência, encontraremos implicados, em sua constituição, a participação do superego como o agente que modela, pela proibição, o retorno a uma posição incestuosa.

Pelo que foi apresentado até agora, a vergonha se cria na mente a partir do momento em que o sujeito se introduz de uma outra maneira, não mais ligado ao objeto de amor paterno ou materno, mas sim ao seu próprio ego, pelo traço de caráter. É notável que a vergonha tenha sido incluída por Freud como estando ligada ao ego, representando uma conquista, no sentido de ter se transformado num método normal de rejeição do indesejável. Trata-se de um avanço poder conceber a vergonha nessa acepção. Isso porque não somente retira a vergonha de uma suposta naturalidade quanto também permite que se considere que o tipo de ligação ao ego, que ela realiza como formação reativa, faz com que a vergonha seja conectada na economia do fantasma.

De que maneira se pode admitir que a vergonha se conecta ao fantasma? Em primeiro lugar, fazendo da vergonha a expressão do que é montado em sua imaginização. Nesse caso, a vergonha é o afeto que acompanha a revelação da

montagem imaginária. Em segundo lugar, pela vergonha se constituir como um meio de gozo. Sendo assim, quanto mais a vergonha define o caráter do sujeito mais ele despende energia para levantar diques, como nomeia Freud, às tentações sem-vergonhas que o instigam. Tanto em um quanto em outro caso, a vergonha é acompanhada por uma economia, chamada de gozo, na qual há sempre um a mais que é despendido pelo sujeito, de forma a se manter, ora em segredo, gozando solitariamente, ora empenhado na sustentação de uma imagem, gozando pela admiração que supõe promover.

Uma vez que, na elaboração freudiana, a formação reativa vai desempenhar um papel, ao lado da sublimação, na edificação dos caracteres e das virtudes humanas, cabe reconhecer a possibilidade de incluir a vergonha numa acepção que se desvincula do fantasma. Resta saber se desvincular a vergonha do fantasma implica necessariamente em abordá-la pela sublimação. Isso porque, ao que nos parece, numa leitura introdutória do problema, Freud foi levado a realizar a aproximação da formação reativa com a sublimação, em virtude de uma limitação de sua concepção quanto à dissolução do complexo de Édipo.

Em se tratando do Complexo de Édipo feminino, Freud considera que haveria de ser realizada uma equação simbólica precedida por uma escolha de objeto. Nesses termos, a dinâmica da posição feminina se articula como pano de fundo da questão masculina, no que se trata, para ela, a partir do Édipo, de realizar uma substituição simbólica do que não tem. Como lembra Freud, no caso das mulheres, se tratará da perda do objeto como perda de amor, uma vez que, em seu sexo, o que sucede ao complexo de castração, é o temor à perda de amor, já que, embora elas tenham um complexo de castração, não podem ter medo de serem castradas.

Sendo assim, o que se encontra em jogo na vergonha, para as mulheres, se refere a um desnudamento à sua castração imaginária, ou seja, quando algo do semblante de completude é abalado; quando algo da imagem que procuram sustentar vacila em função da incompletude.

Considerar que essa dimensão da experiência é possível de ser alinhada com as virtudes humanas da sublimação implica em supor que a falta do falo na mulher haverá de promover a constituição de uma posição sexual, na qual a vergonha se transforma no outro nome da normalidade feminina. Entende-se, assim, a normalidade como sinônima do que pode ser conquistado enquanto limite último diante do Édipo. A resignação da

castração, supostamente possível de ser conquistada pela mulher como sua normalidade, se sustenta pela condição de ser amada por sua vergonha!

Uma vez que se considere que a posição feminina introduz uma questão diferenciada em termos de desejo e que, também, há possibilidade de supor um amor para além do pai, ou seja, para além do Édipo, haveríamos de recolher, na posição de Freud, uma admiração, silenciosa, pelas mulheres envergonhadas. Por outro lado, é também um convite para relançar a vergonha como um afeto que permite aproximar a questão das mulheres da sexualidade infantil. Sendo assim, mais do que afirmar a presença da vergonha em um e em outro caso, trata-se de considerar a possibilidade de recuperar a vergonha pelo sem-vergonha das brincadeiras infantis. Nesse caso, em que a vergonha se transforma em riso, a castração terá que haver incidido na posição do psicanalista, de forma a permitir que a questão das mulheres possa fazer exceção à admiração provocada pelo recato, ao mesmo tempo em que permita se desembaraçar da simpatia e da sedução como um fantasma. Resta articular de que maneira o desejo do psicanalista permite franquear o acesso à posição feminina, sem se comprometer com a criação de um tipo de mulher, ponto a partir do qual a fidelidade ao pai da Psicanálise, se aproxima do que faz barreira à invenção.

Setembro de 2004.